

INVESTIGAÇÕES SOBRE OS DESAFIOS DA ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS A PARTIR DAS PERCEPÇÕES DOS EDUCANDOS

INVESTIGATIONS INTO THE CHALLENGES OF LITERACY FOR YOUNG PEOPLE, ADULTS AND THE ELDERLY BASED ON THE PERCEPTIONS OF LEARNERS

Jaqueline Luzia da Silva **1**
Maria Lucia da Silva **2**

Resumo: O artigo apresenta o recorte de uma pesquisa que teve como objetivo analisar práticas pedagógicas de alfabetização na Educação de Jovens e Adultos (EJA). A análise teve o intuito de conhecer os principais desafios enfrentados por educadores e educandos na construção de aprendizagens significativas. A pesquisa situa-se no âmbito de um projeto de Iniciação Científica em um Curso de Pedagogia. O desenho metodológico da pesquisa baseou-se na realização de um estudo de natureza qualitativa, que privilegiou o contato direto com os estudantes matriculados na escola pesquisada, por meio de observações, questionários socioeconômicos e entrevistas semiestruturadas. As principais conclusões da pesquisa apontam que contribuir para a formação do sujeito da escrita em uma sociedade excludente e desigual é um grande desafio. Por isso, é importante fomentar práticas pedagógicas que reconheçam as especificidades dos sujeitos e suas percepções acerca do processo educativo.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos (EJA). Alfabetização. Aprendizagem. Sujeito da escrita.

Abstract: This article presents an excerpt from a study that aimed to analyze pedagogical literacy practices in Youth and Adult Education (EJA), in order to understand the main challenges faced by educators and students in the construction of meaningful learning. The research is part of a Scientific Initiation project in a Pedagogy course. The methodological design of the research was based on a qualitative study, which focused on direct contact with the students enrolled in the school being researched, through observations, socio-economic questionnaires and semi-structured interviews. The main conclusions of the research show that contributing to the formation of the subject of writing in an exclusionary and unequal society is a major challenge. For this reason, it is important to foster pedagogical practices that recognize the specificities of the subjects and their perceptions of the educational process.

Keywords: Youth and Adult Education (EJA). Literacy. Learning. Subject of writing.

-
- 1** Doutora em Educação (PUC-Rio). Mestre em Educação (UFRJ). Pós-Graduada em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância (UFF). Graduada em Ciências Sociais (UFRJ). É Professora Associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2831543009017052>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7164-9542>. E-mail: jaquelineldasilva@gmail.com.
 - 2** Licencianda em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Ex-bolsista de Iniciação Científica (UERJ). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7925322149693370>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-7462-3262>. E-mail: lucivito.lv63@gmail.com.

Introdução

O presente trabalho apresenta os resultados parciais de uma pesquisa realizada na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA), com estudantes da alfabetização, em 2023. Esta pesquisa vincula-se a um projeto de Iniciação Científica, no Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Faculdade de Educação/Uerj). O objetivo da pesquisa consistiu em analisar as práticas pedagógicas de alfabetização na EJA. A análise teve o intuito de conhecer os principais desafios enfrentados por educadores e educandos na busca por aprendizagens significativas. E o campo de estudo foi uma escola que oferece o Programa de Educação de Jovens e Adultos (Peja) na Rede Municipal de Educação do Rio de Janeiro.

O Peja é a política pública do município do Rio de Janeiro que visa à garantia do direito à educação para jovens, adultos e idosos pouco ou não escolarizados. Desde o ano de 1985 o Peja está nessa rede e se divide em quatro blocos de aprendizagem, que correspondem ao Ensino Fundamental. Atualmente, funciona em 143 escolas, entre elas um Centro de Referência e duas escolas exclusivas de EJA. Atuam nessas escolas cerca de mil professores concursados e encontram-se matriculados 24 mil estudantes, aproximadamente.

O desenho metodológico da pesquisa baseou-se na realização de um estudo de natureza qualitativa, que privilegiou o contato direto com os estudantes das turmas de alfabetização da EJA matriculados na escola pesquisada. Além disso, o trabalho de campo contou com observações, aplicação de questionários socioeconômicos e entrevistas semiestruturadas. Cabe ressaltar que a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Uerj (Parecer n. 5.731.827, de 31/10/2022), bem como pela equipe de Convênios e Pesquisa da Subsecretaria de Ensino da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME/RJ). Todos os participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Aqui, apresentam-se as percepções dos educandos participantes da pesquisa, reconhecendo em suas falas os principais desafios enfrentados dentro e fora da escola.

Os dados levantados por meio das entrevistas permitiram compreender os indivíduos participantes em seus próprios termos, aproximando o estudo de sua realidade e de suas vivências. De um total de 49 estudantes matriculados nas turmas de alfabetização do turno da manhã, 32 foram entrevistados. A pesquisa foi realizada em uma escola exclusiva de EJA que oferece turmas de Ensino Fundamental no formato semipresencial (duas horas de aula diárias), nos turnos da manhã, tarde e noite, com complementação da carga horária mínima prevista nas Diretrizes Operacionais da EJA (Brasil, 2010), por meio de atividades não presenciais. A escola situa-se na zona norte do município do Rio de Janeiro.

O recorte que se faz para este trabalho parte dos dados coletados nas entrevistas realizadas com os estudantes alfabetizando dessa escola e busca examinar, em suas falas, os principais desafios enfrentados por eles no cotidiano; suas motivações para matricular-se na escola da EJA; as dificuldades em relação à aprendizagem escolar; a construção de conhecimentos já alcançada na alfabetização, dentre outros aspectos. Como principal referencial teórico para esta análise utilizam-se os estudos de Socorro Calháu (2014; 2020) acerca do conceito de sujeito da escrita.

Calháu (2014) nos propõe uma reflexão sobre a formação do sujeito da escrita que tenha um caráter emancipador, revelador e revolucionário, que conduza o sujeito até si mesmo. Dessa forma, ela pressupõe que se repense o processo político e pedagógico que as conquistas recentes produziram, no sentido da inclusão e do reconhecimento da diversidade no aprender. Para ela, não basta considerar as questões metodológicas que envolvem a alfabetização, mas em um sentido ampliado,

[...] reconhecer o poder da argumentação, a possibilidade de traduzir ideias em ações, onde a forma não possa reinar absoluta sobre o sentido e o significado do texto. Formar sujeitos da escrita é fornecer aos neoleitores e escritores o passaporte para o mundo da cidadania, autorizar sua inserção no universo dos que podem se dizer sem abrir mão de sua cidadania linguística, étnica, social, cultural, planetária (Calháu, 2014, p. 188).

Como metodologia analítica dos dados levantados nas entrevistas, foi utilizado o método de análise do conteúdo. “O ponto de partida da Análise do Conteúdo é a mensagem, seja ela verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada” (Franco, 2007, p. 12). Dessa forma, as entrevistas foram fundamentais para compreender histórias, trajetórias e memórias dos sujeitos participantes, no intuito de chegar aos objetivos do estudo. Assim, foram construídas diversas categorias, a partir dos relatos dos entrevistados. Essas categorias emergiram por meio de temas, como exclusão social; culpabilização; socialização pela escola; trabalho; baixa autoestima; vergonha; sonhos, dentre outros.

A contribuição do estudo passa pelo reconhecimento dos desafios, mas também pelo apontamento de possibilidades para o trabalho, como caminhos viáveis para a alfabetização de jovens, adultos e idosos. Mais do que assinalar percalços, o estudo pretende trazer visibilidade aos sujeitos educandos, ouvindo suas vozes e valorizando seus saberes e suas histórias, no sentido de buscar o enfrentamento de preconceitos e estereótipos, ainda presentes em nossa sociedade, em relação aos sujeitos pouco ou não escolarizados.

Desafios atuais da alfabetização na educação de jovens, adultos e idosos

O trabalho com a alfabetização de jovens, adultos e idosos enfrenta muitos desafios. Dentre eles, a ausência de políticas públicas voltadas para a modalidade, tanto em nível nacional quanto nos estados e municípios, tendo em vista o fechamento de turmas e escolas que a ofereciam em todo o país, consequência da queda constante no número de matrículas em EJA em toda a Educação Básica (Haddad; Siqueira, 2015). Esse *não lugar* da EJA nas políticas educacionais tem consequências desastrosas, principalmente quando se trata de sujeitos com histórias de vida diversas, que tiveram seu direito ao acesso à educação escolar negado e, em muitos casos, vivências marcadas por uma escolarização que não chegou a alcançar os objetivos esperados. Nesse contexto, a EJA ainda apresenta uma inserção marginal no sistema educativo e acaba sendo relegada ao terreno dos programas assistenciais, desenvolvidos por organizações sociais que visam atenuar os efeitos perversos da exclusão.

Além dos desafios da política pública, há os desafios do dia a dia escolar, que têm relação entre si e que são enfrentados por educadores no interior das salas de aula, como, por exemplo, a ausência de formação docente inicial e/ou continuada para o trabalho na modalidade, o que resulta em práticas pedagógicas pouco significativas para os sujeitos da EJA. Como consequência do pouco investimento nesta formação docente, foi constatado em uma pesquisa realizada por Lemos (2020) em escolas do Peja que, embora existam materiais didáticos de qualidade elaborados especificamente para a EJA, ainda é possível encontrar práticas infantilizadas e centradas na repetição e na memorização.

Se, por um lado, as práticas pedagógicas não dialogam com a realidade dos educandos e suas demandas, por outro lado, esses estudantes enfrentam desafios em seu processo de aprendizagem. Em uma pesquisa realizada por Silva (2020), também em escolas do Peja, os principais problemas enfrentados pelos estudantes da EJA, no espaço escolar, dizem respeito à dificuldade em escrever, para a maioria dos estudantes, e em realizar as atividades de matemática que envolvem algoritmos de divisão, situações-problemas e cálculos. Os estudantes apontam para si mesmos como obstáculos em sua própria trajetória escolar e se culpabilizam por terem dificuldade em aprender.

A culpabilização pela sua não escolarização ou pela não aprendizagem é reflexo da construção social do preconceito contra o analfabeto na história brasileira, uma história marcada pela exclusão e pela negação de direitos. Esse preconceito, existente até hoje em nossa sociedade, não legitima a cultura da classe trabalhadora e ainda culpabiliza o sujeito pela sua baixa escolarização, sem que este reivindique seu direito à educação (Ferreira *et al.*, 2013). É preciso enfrentar os índices de analfabetismo e baixa escolarização reconhecendo-os como frutos da extrema desigualdade deste país e que não têm origem nos sujeitos, mas na estrutura social excludente em que vivemos (Haddad; Siqueira, 2015). Esse reconhecimento é fundamental para a formação do sujeito da escrita, visto que prevê a conscientização sobre o seu papel no mundo, como sujeito de direitos e

de aprendizagem, compreendendo sua emancipação (Calháu, 2014).

O papel da escola na formação dos sujeitos da escrita

A finalidade para a qual a escola foi criada e continua sendo estruturada atualmente faz com que os estudantes, principalmente os jovens, adultos e idosos, não se sintam representados nesse ambiente, na maioria das vezes excludente, e que se utiliza de uma linguagem que não faz parte do cotidiano desses estudantes. Assim como destaca Calháu (2020, p. 105),

Tais sujeitos são, conseqüentemente, excluídos da possibilidade de se relacionarem competentemente com a escola e o saber por ela produzido, e então, poderem ser incluídos. Isto porque embora o enunciado da Verdade Absoluta, proferido pela Ciência Moderna já esteja sob suspeita há muito tempo, a Escola, com seus currículos e rituais, ainda é Moderna, ainda não reconheceu a crise, não ingressou numa perspectiva mais crítica, não se (re)fez com a contemporaneidade, não redefiniu seu sujeito cognoscente para si mesmo e para os professores.

Por essa razão, os sujeitos da EJA se sentem, por vezes, incapazes de aprender a ler e escrever, e assim ingressar nesse universo alfabetizado, que parece tão distante de sua realidade. Esse pensamento causa nos estudantes da EJA uma diminuição de autoestima que, por sua vez, pode estimular a evasão escolar. Eles tendem a acreditar que são os únicos culpados pela dificuldade que têm no aprendizado, e duvidam que um dia consigam ler e escrever com a facilidade que atribuem às pessoas alfabetizadas.

A maioria dos estudantes da EJA teve que enfrentar grandes adversidades e experiências sacrificantes durante a vida, por pertencer a uma classe social menos favorecida e sofrer exclusões diversas. Esses obstáculos deixam marcas desastrosas que podem interferir no desenvolvimento escolar. Eles chegam à escola trazendo uma *bagagem* de saberes diversos, muito diferentes dos saberes oferecidos pela escola, e que, por vezes, não são valorizados por ela. A esse respeito, Calháu (2020, p. 77) enfatiza:

É muito comum encontrarmos uma caracterização de estudante adulto, não alfabetizado, desprovido de vida real, pessoas que parecem não habitar o mesmo mundo que o nosso, e que são descritas quase sempre como pessoas excluídas do tecido social, como se isso fosse possível. Na realidade, trata-se de pessoas que possuem uma baixa autoestima e uma identidade deteriorada e fragmentada por uma forma de exclusão que é fruto da enorme injustiça social vigente e de preconceitos historicamente arraigados.

Nesse sentido, o modelo de escola que existe atualmente não se adequa ao estudante, pelo contrário, o estudante é que tem que se enquadrar à sua estrutura, física ou pedagógica. A pergunta que se faz é: como é possível mudar essa realidade, na prática, uma vez que não é recente o reconhecimento de que o modelo de escola vigente não funciona e causa exclusão, principalmente aos mais pobres? Sabe-se que a escola necessita priorizar as experiências e vivências socioculturais dos estudantes, principalmente quando são estudantes da EJA. Trazer o diálogo para a sala de aula possibilita conhecer as dificuldades no processo de aprendizagem e, por meio da escuta de relatos, é possível compreender quais as perspectivas desses estudantes quando chegam à escola da EJA. Desse modo, a escola precisa ser um ambiente acolhedor. Para Silva (2020), a aprendizagem vai além da apreensão dos conteúdos escolares, pois muito mais do que aprender a ler e escrever, esses estudantes buscam alcançar mudanças na vida.

Assim sendo, uma ponderação que se faz importante para a formação do sujeito da escrita diz respeito a uma crítica necessária sobre a escola apresentada aos estudantes da EJA, no sentido de repensar a condução pedagógica das ações educativas. E isso implica na reconstrução da escola

oferecida para os sujeitos da EJA. Essa reflexão reafirma a importância de um trabalho significativo de alfabetização, que considere os estudantes e seus saberes. Deriva daí a importância de estudos e pesquisas que tomem como objeto a ação educativa na EJA, não no sentido de prescrever caminhos, mas no intuito de refletir, juntamente com a escola e seus atores, sobre metodologias possíveis que contribuam para o acesso, a permanência e a aprendizagem significativa dos sujeitos da EJA. O papel da escola na formação do sujeito da escrita pressupõe concretizar um conceito ampliado de alfabetização, como meio de emancipação e transformação das pessoas e da sociedade. Essa concepção contribui com a ênfase na formação de leitores e escritores durante o processo de alfabetização, tendo por base o perfil do jovem, do adulto e do idoso, suas necessidades de aprendizagem e as demandas sociais atuais (Di Pierro; Vóvio; Andrade, 2008).

Conhecer os sujeitos da EJA, trabalhar com suas histórias de vida, a partir de sua realidade, buscando dar sentido aos conteúdos formais, relacionando os conhecimentos construídos na escola com a vida dos educandos são os pressupostos dessa concepção de alfabetização. Portanto, a alfabetização consiste no reconhecimento do processo como elaboração do sistema de escrita alfabética e como resposta às demandas educativas dos sujeitos da EJA.

O sujeito da escrita na educação de jovens, adultos e idosos: percepções dos educandos

Na investigação sobre as percepções dos educandos a respeito dos desafios enfrentados utilizou-se a análise do conteúdo de suas falas, captadas por meio de entrevistas semiestruturadas. As categorias de análise foram definidas após a transcrição das entrevistas, emergindo da fala, do discurso e do conteúdo das respostas. “Nesse processo, inicia-se pela descrição do significado e do sentido atribuído por parte dos respondentes, salientando todas as nuances observadas” (Franco, 2007, p. 61). Nessa metodologia, as categorias são criadas “[...] à medida que surgem nas respostas, para depois serem interpretadas à luz das teorias explicativas” (Franco, 2007, p. 62).

É fundamental salientar a importância de ouvir os sujeitos alfabetizando na EJA. Seus relatos são ricos em descrições a respeito de suas histórias de vida e de suas trajetórias. Nesse sentido, corrobora-se o que Silva (2020, p. 54) aponta em sua pesquisa:

É interessante conhecer o que os sujeitos da EJA pensam sobre seu processo de escolarização. Muitas vezes, quem fala sobre isso são os professores e os gestores da escola, mas poucas vezes se ouve os educandos. Além disso, quando estes são ouvidos, muitas vezes essa fala é apenas ilustrativa e pouco se adentra nas motivações, questionamentos e críticas trazidas por eles.

Ouvir atentamente os relatos dos estudantes em processo de alfabetização demonstra a importância da compreensão da linguagem dos sujeitos da EJA, a qual, de acordo com Paulo Freire (1982), se prende dinamicamente à realidade destes. Assim, quando a fala desses sujeitos é investigada cuidadosamente, a realidade deles vem à tona, denotando as suas percepções sobre o seu processo de escolarização.

A partir das entrevistas realizadas, foram construídas 12 categorias de análise, a saber: *trabalho na infância; trabalho; vergonha; baixa autoestima; sonhos; exclusão social; culpabilidade; socialização pela escola; espiritualidade; gratidão pela escola/professora; formação da família e origem social*. Para este trabalho, traz-se um pouco desta análise, com trechos dos relatos dos estudantes, a fim de corroborar nossas leituras e inferências sobre o conteúdo de suas falas, em diálogo com a teoria estudada. As quatro últimas categorias citadas não serão analisadas no presente texto.

Percepções sobre o trabalho e o trabalho na infância

Com base nas entrevistas com os estudantes, foi possível constatar que o principal motivo de

não terem iniciado ou dado continuidade aos estudos quando crianças ou adolescentes foi o fato de terem que trabalhar desde muito cedo. Uma grande parcela dos entrevistados precisou parar de estudar para trabalhar ainda na infância. Foi bastante perceptível neles, todavia, uma vontade de retomar os estudos, na esperança de conseguir trabalho mais facilmente ou de melhorar as condições trabalhistas no emprego atual, como pode ser observado na fala dessa estudante: “Eu poderia hoje ter terminado meu estudo. Se eu tivesse terminado, eu teria hoje uma colocação melhor na minha profissão” (Estudante 32)¹.

É importante ressaltar que o trabalho é a primeira condição na vida desses estudantes de origem social menos favorecida, uma vez que eles foram obrigados a trabalhar para garantir o sustento da família e, em consequência disso, tiveram que interromper os estudos ainda em tenra idade, ou sequer frequentaram a escola. Isto é, quando não há a possibilidade de conciliar trabalho e estudo, a opção que lhes resta é a desistência da educação escolar:

A gente morava na roça, aí meu pai trabalhava muito na roça, aí eu ia pra roça e deixava de estudar (Estudante 20)².

Eu trabalhava na casa de uma moça lá. Eu fazia chapéu de carnaval, comecei com oito anos (Estudante 14)³.

A desigualdade econômica se reflete diretamente sobre a educação dos estudantes das classes sociais mais baixas (Haddad; Siqueira, 2015). Essa afirmação pôde ser observada durante a pesquisa, pois foi apreendido que a maioria dos estudantes acessou a escola por um curto espaço de tempo, e outros sequer tiveram a oportunidade de estudar na infância, como pode ser percebido na fala da estudante, a seguir.

E, quando eu era nova, eu nunca tive a oportunidade de estudar. Porque minha mãe [...] a gente morava na roça, meu pai aqui no Rio, e minha mãe sozinha, lá na roça. Então a gente tinha [...] botava muita roça [...] aí então, eu tinha que ir com aqueles homens tudinho lá pra roça, pra eles trabalhar e eu cozinhar pra eles. Eu fazia o almoço (Estudante 1)⁴.

Percebe-se também que o trabalho está sempre presente em suas vidas. Ora como impedimento para estudar, ora como motivação para aqueles que não concluíram sua escolarização. A maioria com o intuito de trabalhar, conseguir um emprego melhor, ou até mesmo melhorar de função no emprego atual. Como fica evidente na fala dos estudantes entrevistados:

Hoje tá difícil, né? Trabalhar, pra quem [como eu] não sabe ler, tá complicado, aí eu agradeço a Deus que meu tempo chegou agora (Estudante 3)⁵.

Terminar os estudos, né? E conseguir uma coisa melhor pra mim. Depois que eu terminar os estudos quero arrumar alguma coisa pra trabalhar (Estudante 15)⁶.

Ah, pra ter um futuro melhor, né? Emprego! (Estudante 28)⁷.

É importante ouvir os relatos dos estudantes, pois, para eles, a aprendizagem vai além da apreensão dos conteúdos escolares. Muito mais do que melhorar a leitura e a escrita, esses alunos buscam alcançar mudanças de vida. Daí a importância de se criar estratégias de ensino que favoreçam o seu aprendizado. Dessa forma, se garante que sejam atendidas as motivações que

1 Entrevista de pesquisa concedida no dia 13 de junho de 2023, na cidade do Rio de Janeiro, RJ.

2 Entrevista de pesquisa concedida no dia 23 de maio de 2023, na cidade do Rio de Janeiro, RJ.

3 Entrevista de pesquisa concedida no dia 6 de junho de 2023, na cidade do Rio de Janeiro, RJ.

4 Entrevista de pesquisa concedida no dia 18 de maio de 2023, na cidade do Rio de Janeiro, RJ.

5 Entrevista de pesquisa concedida no dia 18 de maio de 2023, na cidade do Rio de Janeiro, RJ.

6 Entrevista de pesquisa concedida no dia 30 de maio de 2023, na cidade do Rio de Janeiro, RJ.

7 Entrevista de pesquisa concedida no dia 13 de junho de 2023, na cidade do Rio de Janeiro, RJ.

levam esses estudantes a procurar a escola na idade adulta, no sentido de realizarem seus sonhos e desejos e conquistarem sua autonomia e emancipação.

A categoria *trabalho*, tão repetida nas falas dos entrevistados, não pode ser deixada de lado na prática pedagógica, pois revela o próprio sentido da escola para a maioria das pessoas que busca a escola da EJA. Dessa forma, é necessário investigar como a escola acolhe esses trabalhadores, como reconhece suas demandas em relação aos horários, ao cansaço, às atividades laborais realizadas, como valoriza as experiências vivenciadas no contexto do trabalho, dentre outras questões.

As reflexões geradas a partir dos relatos dos estudantes nos impulsionam a indagar sobre os saberes construídos na escola da EJA, os quais, segundo Calháu (2020, p. 42), se superpõem aos saberes da experiência, mas têm

[...] um caráter de provisoriidade, algo que tem sido denominado de alfabetização funcional e que, dependendo da intensidade com que tais saberes são levados em conta, podem desaparecer de uma hora para outra, sem deixar vestígio, remetendo os estudantes de volta à condição de analfabetos.

Como contribuição, a autora propõe a construção de currículos adequados à modalidade de ensino da EJA, com base na concepção da produção de sujeitos da escrita e a partir do conhecimento de suas identidades e de seus letramentos. Essa proposta tem por base o conhecimento real de quem são esses sujeitos, de sua relação com os mundos do trabalho, de suas histórias de vida e, portanto, da reconfiguração da escola *para* a EJA, posicionando os educandos no centro do processo pedagógico.

Percepções sobre vergonha, baixa autoestima e sonhos

Observa-se, nas falas dos estudantes da EJA, que muitos se envergonham pelo fato de não saberem ler e escrever. Essa vergonha lhes causa um constrangimento que os leva a ocultarem a condição de não alfabetizados, como nos contou uma entrevistada: “Eu trabalhei em uma casa [por] 22 anos, mas ninguém sabia que eu não sabia ler. Que eu não falava, eu tinha vergonha. Elas achavam que eu sabia ler, mas eu não falava nada” (Estudante 3)⁸. Esse relato reafirma o que Calháu (2020, p. 96) denuncia:

Ao entrar na escola, movido por uma baixa autoestima decorrente de seu desprestigiado lugar social, portador de uma identidade fragmentada que oscila entre as atividades de agricultor que realizava em sua terra natal, e as tarefas realizadas como faxineiro, porteiro, operário de obra, empregado doméstico, postos que ocupa nos grandes centros, a pessoa analfabeta passa por um grande constrangimento, no que se refere ao seu desempenho intelectual.

Historicamente, no Brasil, o analfabetismo foi tratado como vergonha nacional (Galvão; Di Pierro, 2012). Essa concepção foi sendo interiorizada da pior maneira possível por aquelas pessoas que, na infância e/ou adolescência, tiveram seu direito à educação escolar negado. Nesse sentido, a maioria delas recorre a estratégias que ajudam a disfarçar essa condição, como a desculpa de que está sem os óculos, por exemplo. Observou-se, também, na pesquisa, que a maioria dos estudantes se culpabiliza por não ter dado continuidade aos estudos durante a infância ou adolescência. Por esse motivo, diversas vezes eles não expõem seus problemas com a leitura e a escrita.

O preconceito permanece presentemente enraizado na sociedade brasileira, e interfere na vida dos indivíduos que, por inúmeras razões, não iniciaram ou não puderam dar continuidade aos estudos. Muitos deles acreditam que são pessoas sem saberes, sem conhecimentos e sem visão. Essa afirmação pode ser constatada na fala da mesma entrevistada, quando perguntada sobre qual a razão de ter voltado a estudar: “Tenho fé que pelo menos vou aprender, pelo menos aprender a

⁸ Entrevista de pesquisa concedida no dia 18 de maio de 2023, na cidade do Rio de Janeiro, RJ.

ler. Porque, sabe, uma pessoa que não sabe ler... é uma pessoa cega!” (Estudante 3)⁹.

Por vezes, devido ao preconceito que sofrem, os estudantes da EJA apresentam baixa autoestima, trazendo consigo sentimentos de culpa e angústia, por não terem se apropriado da leitura e da escrita ainda na infância, quando na verdade tiveram seu direito à educação escolar negado, em decorrência da desigualdade social, pela ausência de políticas públicas educacionais e pela falta de investimentos em educação para todos.

A sociedade brasileira valoriza muito a formação pela escola e não reconhece os saberes adquiridos nas vivências e experiências cotidianas. É importante lembrar que a escrita está presente no dia a dia, e que quem não a domina sofre preconceito e exclusão na convivência social e no trabalho, o que contribui para a sensação de inferioridade. Esse sentimento pode ser observado na fala da estudante da EJA: “Quando eu vejo uma pessoa assim, [ela] pega o papel, está lendo tudo. Eu não falo nada, mas eu acho que a depressão me pega. Aí eu fico triste, sabe? Mas eu não falo nada!” (Estudante 3)¹⁰.

Muitos pensam que passaram da idade de aprender, porque já se sentem velhos para isso, e alguns têm receio de não conseguir aprender os conteúdos da forma como os mais novos aprendem e, então, desanimam. Essa concepção precisa ser desmitificada na sala de aula, por meio do diálogo com os educadores, mostrando para esses estudantes que eles têm direito a uma educação escolar de qualidade.

Observa-se que todos os estudantes têm um sonho, um desejo a ser concretizado quando retornam à escola, e a EJA tem um papel fundamental nessa conquista.

Eu tinha muita vontade de estudar, pra aprender a ler. Tinha muita vontade mesmo! Porque meu sonho era aprender a ler, graças a Deus eu já leio, pouco, mas leio, né? (Estudante 1)¹¹.

Ah, ter uma vida melhor, mais pra frente. Terminar meus estudos, arrumar um trabalho, ficar tranquila [...] (Estudante 19)¹².

Eu quero muito aprender a ler e escrever. Pelo menos começar a soletrar, aprender a juntar as letras. Porque eu quero muito aprender a ler a bíblia (Estudante 12)¹³.

Como pode ser notado, cada um tem uma motivação (ou motivações) quando se matricula na escola da EJA. A acolhida desses estudantes pode trazer a confiança para que eles se expressem e exponham suas dificuldades, sem medo de julgamentos. Desse modo é possível garantir condições de permanência em sala de aula e evitar que a exclusão deles aconteça também na escola. Para que o trabalho do educador faça sentido para os estudantes, a sala de aula precisa ser um ambiente acolhedor, de tal maneira que todos se sintam à vontade e não se retraiam, ou se evadam da escola. O processo de alfabetização pode ser realizado juntamente com os estudantes, considerando os saberes que eles trazem, para que sejam criadas estratégias de ensino que realmente façam sentido para eles. O diálogo entre educadores e educandos é fundamental para que haja um espaço de troca, favorecendo consequentemente a aprendizagem.

Mesmo acreditando na potencialidade da escola, é necessário questionar seu papel na formação dos sujeitos, que têm direito à educação, e na conquista de seus sonhos e realizações, visto que, muitas vezes, alcançam a alfabetização, mas

[...] essa convivência com a cultura letrada não tem dado conta de torná-los sujeitos da escrita, produtores de textos e consumidores dos materiais escritos que se encontram

9 Entrevista de pesquisa concedida no dia 18 de maio de 2023, na cidade do Rio de Janeiro, RJ.

10 Entrevista de pesquisa concedida no dia 18 de maio de 2023, na cidade do Rio de Janeiro, RJ.

11 Entrevista de pesquisa concedida no dia 18 de maio de 2023, na cidade do Rio de Janeiro, RJ.

12 Entrevista de pesquisa concedida no dia 6 de junho de 2023, na cidade do Rio de Janeiro, RJ.

13 Entrevista de pesquisa concedida no dia 30 de maio de 2023, na cidade do Rio de Janeiro, RJ.

disponíveis a todos os leitores competentes, da forma como nós e eles desejamos que o sejam (Calháu, 2020, p. 35).

Com relação, inclusive, à valorização dos saberes dos educandos da EJA, é necessário considerar como esse reconhecimento acontece, pois nem sempre os saberes das classes populares são validados pelos currículos, mesmo nessa modalidade de ensino. Como denuncia Calháu (2020, p. 37), os saberes e as experiências de vida dos estudantes são tratados como motivação, mas no sentido de servirem como uma “[...] ‘isca’ para atraí-los, uma ‘armadilha’, sem continuidade, e sendo abordados sob a forma de um saber folclórico, interessante, mas sem validade no mundo da ciência, de quem a escola é representante”. Daí a importância da problematização sobre como a escola da EJA reconhece, valoriza e aproveita tais saberes e, ao mesmo tempo, respeita esses sujeitos, compreendendo quem eles são, qual o papel deles na construção da sociedade e como ela pode contribuir para que alcancem a emancipação social.

Percepções sobre exclusão social, culpabilidade e socialização pela escola

O pensamento social dominante na atualidade atribui à alfabetização grande importância para os indivíduos e as coletividades (Galvão; Di Pierro, 2012). Quando os estudantes da EJA são indagados por não saberem ler e escrever, a reação é de culpa, se responsabilizam por isso, como se pode verificar na fala deste entrevistado: “Na minha vida, eu era uma pessoa muito... [...] uma pessoa que não obedecia muito às regras da vida, entendeu? Eu podia ter sido melhor, eu podia ter feito as coisas da maneira certa!” (Estudante 21)¹⁴. Calháu (2020, p. 33) também reconhece esse pensamento quando afirma que os sujeitos da EJA

[...] não acreditam que suas dificuldades em se apropriar do código escrito, seja para ler ou para escrever, digam respeito a uma deficiência da escola em permitir outra leitura e escrita do mundo, mas sim as suas próprias incapacidades.

Galvão e Di Pierro (2012) corroboram com essa afirmação quando, ao conversar com pessoas que não sabem ler e escrever os autores os autores os autores os autores notam que não é percebido por elas esse processo de exclusão social e violação de direitos coletivos, e sim uma experiência individual de desvio e/ou fracasso. E, ao voltarem à escola, essas mesmas pessoas têm o desejo de fazer parte da sociedade, querem socializar, pois têm internalizado em si o pensamento de que não são *ninguém*, uma vez que os analfabetos são vistos erroneamente como um povo sem cultura e sem disciplina (Di Pierro; Vóvio; Andrade, 2008). Por essa razão, os indivíduos não-alfabetizados não se sentem pertencentes à sociedade letrada e têm insegurança para tomar decisões e realizar algumas tarefas da vida cotidiana, como revelam essas estudantes:

As coisas que eu tenho, eu tenho até medo de assinar, porque eu não sei o que está escrito (Estudante 5)¹⁵.

Tem que pedir a alguém pra assinar pra gente, porque tem que preencher a receita. Às vezes nem o pessoal da clínica não quer preencher, a gente tem que pedir a outra pessoa que não seja da clínica (Estudante 12)¹⁶.

Muito embora as falas retratem a exclusão social desses sujeitos, eles ainda têm esperança na escola. Acreditam que ela os ajudará no seu processo de inclusão social. A fala deste estudante, a seguir, mostra como a educação pode fazer a diferença na vida dos indivíduos:

14 Entrevista de pesquisa concedida no dia 6 de junho de 2023, na cidade do Rio de Janeiro, RJ.

15 Entrevista de pesquisa concedida no dia 23 de maio de 2023, na cidade do Rio de Janeiro, RJ.

16 Entrevista de pesquisa concedida no dia 30 de maio de 2023, na cidade do Rio de Janeiro, RJ.

Quando você realmente aprende a ler, seus olhos se abrem. Quando você receber o contrato de alguma coisa, uma conta de luz, uma conta de água, uma conta de telefone, você vai ler, ninguém vai poder te enganar. Você vai poder reclamar de tudo! (Estudante 27)¹⁷.

Além de o ambiente escolar ser, para os jovens, adultos e idosos, um espaço de aprendizagem, onde eles elaboram o conhecimento pedagógico e sua autonomia, ele pode servir também como um espaço de socialização, no qual encontram os colegas de turma e se distraem um pouco. Essa afirmação é percebida nas falas dos seguintes estudantes:

O que eu mais gosto? É de estudar, né? Ter minhas colegas, né? Eu acho que se não fosse a escola, eu não sei como é que eu estava (Estudante 1)¹⁸.

Enquanto eu estou aqui, pra mim é bom, melhor do que estar dentro de casa, pensando minhoca [...]. É porque a gente sozinha... [...] (Estudante 3)¹⁹.

Eu gosto das minhas amigas, né? Gosto da escola [...] [e] da professora também! (Estudante 4)²⁰.

Calháu (2020) nos aponta a construção de estratégias, pelos sujeitos não alfabetizados, de reconhecimento e compreensão das situações do dia a dia que envolvem a linguagem escrita. Entretanto, ela afirma que, ainda que essas estratégias garantam

[...] a sobrevivência destas pessoas em algumas atividades, não são suficientes para a superação de sua exclusão social e não permitem sua permanência por muito tempo em atividades que pressupõem o domínio de habilidades básicas da leitura e da escrita (Calháu, 2020, p. 84).

A partir dessa constatação, problematiza-se novamente o papel da escola da EJA, no sentido da necessidade de elaboração do sistema de escrita alfabética por parte dos estudantes e não só de atividades mecânicas de codificação e decodificação. Portanto, mais do que aprender a ler e escrever, é preciso que processos escolares inclusivos e democráticos existam, para que os sujeitos se apropriem das chaves de leitura da própria sociedade, a fim de que possam compreender e decifrar seus códigos de dominação (Calháu, 2020).

Considerações finais

A pesquisa realizada buscou compreender as percepções dos estudantes da EJA a partir de suas falas, concedidas por meio de entrevistas, com relação ao seu processo de alfabetização. A escolha das categorias de análise apresentadas neste trabalho ocorreu com base no que mais nos chamou a atenção em suas falas. Embora os aspectos apresentados pelos estudantes sejam recorrentes nas pesquisas com sujeitos da EJA, aqui buscou-se não só demonstrar suas impressões a respeito da vida, do trabalho e da aprendizagem, mas questionar a escola oferecida aos sujeitos pouco ou não escolarizados. Enfatizou-se, portanto, a problematização sobre os processos pedagógicos pensados para os estudantes dessa modalidade, que requerem outras lógicas, afastadas de modelos já existentes e que não dialogam com suas motivações e necessidades.

Promover a formação do sujeito da escrita em uma sociedade excludente e desigual é o grande desafio apontado por este estudo. Por isso, não é possível prescrever um caminho ou

17 Entrevista de pesquisa concedida no dia 13 de junho de 2023, na cidade do Rio de Janeiro, RJ.

18 Entrevista de pesquisa concedida no dia 18 de maio de 2023, na cidade do Rio de Janeiro, RJ.

19 Entrevista de pesquisa concedida no dia 18 de maio de 2023, na cidade do Rio de Janeiro, RJ.

20 Entrevista de pesquisa concedida no dia 18 de maio de 2023, na cidade do Rio de Janeiro, RJ.

delimitar regras para que os sujeitos não alfabetizados/escolarizados conquistem emancipação e autonomia. Mas é fundamental fomentar práticas pedagógicas que reconheçam esses sujeitos, suas especificidades e suas demandas na construção de currículos, na formação docente, no investimento financeiro, na produção de materiais adequados à modalidade. Enfim, pensar a formação do sujeito da escrita significa colocar em xeque a própria EJA e seus contextos, ouvindo seus atores e enfrentando os desafios do cotidiano.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CEB nº 3, de 15 de junho de 2010.** *Institui Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos nos aspectos relativos à duração dos cursos e idade mínima para ingresso nos cursos de EJA; idade mínima e certificação nos exames de EJA; e Educação de Jovens e Adultos desenvolvida por meio da Educação a Distância.* Brasília: CNE; MEC, 2010.

CALHÁU, Socorro. Formação do sujeito da escrita: onde poder se dizer é poder ser. *In: COSTA, Renato Pontes; VIANNA, Valéria Mendonça (org.). Entrelaçando olhares por uma educação planetária.* Rio de Janeiro: Caetés, 2014. p. 179-192.

CALHÁU, Socorro. **O sujeito da escrita:** fronteiras e domínios da alfabetização e do letramento na EJA. Curitiba: CRV, 2020.

DI PIERRO, Maria Clara; VÓVIO, Cláudia Lemos; ANDRADE, Eliane Ribeiro. **Alfabetização de jovens e adultos no Brasil:** lições da prática. Brasília: Unesco, 2008.

FERREIRA, Andréa Tereza Brito; ALBUQUERQUE, Eliana Borges C. de; MORAIS, Artur Gomes de; FERREIRA, Josemar Guedes. Práticas dos professores alfabetizadores da EJA: o que fazem os professores, o que pensam os seus alunos? **Educação em Revista.** Belo Horizonte, v. 29, n. 3, p. 177-198, set. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/TnQ6FtmgHz6qtq3bKc3VyTq/?lang=pt>. Acesso em: 14 mai. 2023.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise do conteúdo.** 2 ed. Brasília: Liber Livro, 2007.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam.** São Paulo: Cortez, 1982.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; DI PIERRO, Maria Clara. **Preconceito contra o analfabeto.** 2 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

HADDAD, Sérgio; SIQUEIRA, Filomena. Analfabetismo entre jovens e adultos no Brasil. **Revista Brasileira de Alfabetização – ABAlf,** Vitória, ES, v. 1, n. 2, p. 88-110, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://revistaabalf.com.br/index.html/index.php/rabalf/article/view/81>. Acesso em: 17 mai. 2023.

LEMONS, Amanda Guerra. Entre teorias e práticas: o trabalho alfabetizador na EJA. *In: SOUZA, Marta Lima (org.). Educação de jovens e adultos:* linguagens, alfabetizações e afetos. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2020. p. 15-28.

SILVA, Jaqueline Luzia da. Percepções dos sujeitos sobre o processo de escolarização na alfabetização de jovens e adultos. *In: FERNANDES, Andrea da Paixão; LOPES, Paula Cid (org.). O cotidiano escolar de crianças, jovens e adultos em roda de conversas.* Rio de Janeiro: Eduerj, 2020. p. 51-68.

Recebido em 19 de maio de 2024.
Aceito em 11 de agosto de 2024.